
A cerâmica comum bética das *villae* romanas de São Cucufate: uma revisão

INÊS VAZ PINTO*

R E S U M O

Este artigo pretende dar uma visão de conjunto da cerâmica comum de pasta clara calcária de origem bética recolhida nas escavações das *villae* romanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), reflectindo sobre a sua origem e significado e apresentando as suas formas e o catálogo das peças. Na verdade, estas cerâmicas já foram publicadas no estudo sobre a cerâmica comum dessas *villae* (Pinto, 2003), e posteriormente valorizadas num trabalho individualizado (Pinto, 2004). É precisamente este último artigo, que revelou graves deficiências na apresentação das ilustrações, que é aqui retomado no seu todo, mas revisto e enriquecido com novos dados, integrando, em particular, um grupo de fabrico até agora considerado de proveniência desconhecida.

A B S T R A C T

This article aims to give a perspective of the calcareous ceramics of Baetican origin collected by the excavations at the Roman *villae* at São Cucufate. It discusses its origin and significance and presents its forms and the catalogue of all the pieces. In fact, these ceramics were already published in the study of the common ware of those *villae* (Pinto, 2003), and later valued in an exclusive article (Pinto, 2004). It is precisely this last article, that revealed serious deficiencies in the presentation of the illustrations, that is republished here but revised and enriched with new data, integrating, in particular, a fabric group up to now considered of unknown provenience.

1. Introdução

No abundante conjunto de cerâmica comum recolhido pelas escavações luso-francesas realizadas nas *villae* romanas de São Cucufate de 1979 a 1986 (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990) distinguíu-se um conjunto significativo de cerâmicas de pasta clara de proveniência bética, no qual se destacavam os almofarizes e as bilhas.

No estudo da cerâmica comum de São Cucufate já publicado (Pinto, 2003), estas cerâmicas estão integradas numa tipologia que inclui diferentes fabricos, tornando-se difícil ter uma noção do seu conjunto. Pretende-se aqui valorizar estas cerâmicas dando uma visão do seu conjunto e enri-

quecendo o seu estudo com alguns novos dados relativos a materiais entretanto publicados e recolhidos nos actuais territórios português e espanhol. No final, apresenta-se o catálogo das peças estudadas.

2. Os fabricos de pasta clara calcária de São Cucufate

Na cerâmica comum de São Cucufate distinguiram-se três grupos de pasta calcária¹. Os dois primeiros (grupos 9 e 10) têm a pasta esbranquiçada e foram desde logo considerados de provável proveniência bética. O terceiro (grupo 12), com as superfícies igualmente esbranquiçadas mas o interior da pasta rosado, foi considerado de proveniência desconhecida (Pinto, 2003, p. 140-141).

O primeiro grupo, o grupo 9, tem uma pasta pouco dura feita com argila calcária cozida em modo A (com arrefecimento oxidante). A sua cor é geralmente o amarelo-pálido (Munsell 2. 5Y 8/2 e 8/3 e 5Y 8/2) mas também pode ser o cinzento-esverdeado claro (Munsell 1 GLEY 8/10Y) ou o amarelo-avermelhado (Munsell 5YR 6/6). A observação macroscópica revela uma pasta de textura média e porosa, com minerais brancos, sobretudo quartzo, alguns minerais negros e, por vezes, pequenos nódulos de óxido de ferro, podendo as inclusões ser bastante roladas ou mais angulosas e atingir 1 mm de comprimento. A análise de uma lâmina delgada revelou tratar-se de uma pasta calcária cuja fase arenosa contém quartzos, feldspatos alcalinos e feldspatos plagioclases, fragmentos de rocha de tipo granítico, alguns grãos de calcário micrítico e, mais raramente, anfíbulas. A abundância das inclusões é de cerca de 17% (Pinto, 2003, p. 134-135).

O segundo grupo, com o número 10, tem uma pasta igualmente pouco dura, feita com argila calcária cozida em modo A e uma cor amarelo-pálido (Munsell 2. 5Y 8/3 e 2/2) ou cor-de-rosa (Munsell 7. 5YR 8/4). A observação macroscópica descreve uma pasta fina, muito porosa, com minerais de quartzo arredondados, pontinhos cor-de-laranja escuro ferruginosos e raros pequenos minerais negros. Na análise de uma lâmina delgada os únicos minerais identificados foram quartzos de granulometria fina, registando-se igualmente algumas palhetas de biotite (mica negra) e uma abundância das inclusões de cerca de 3% (Pinto, 2003, p. 136-137).

O terceiro grupo, o grupo 12, tem uma pasta mole feita com argila calcária cozida em modo A e com duas zonas de cores diferentes. O cerne da pasta é amarelo-avermelhado (5YR 7/6) e a superfície exterior forma uma zona pouco espessa de um castanho muito pálido (10YR 7/4). A análise de uma lâmina delgada revelou pequeninas inclusões de quartzo, feldspatos e biotite (Pinto, 2003, p. 140-141).

A continuação do estudo deste tipo de cerâmica de outros sítios arqueológicos deu-nos a convicção de que o grupo 12 é do mesmo tipo de produção que os grupos 9 e 10, distinguindo-se apenas por ter diferentes zonas de cor. Em *Conimbriga*, por exemplo, estão descritos estes dois tipos de pasta de colorações diferentes, constatando-se que ocorrem nas mesmas formas (Alarcão, 1976, p. 72). Aliás, tal como em São Cucufate, só um número muito reduzido de peças apresenta as características do grupo 12. Além disso, sabemos hoje que a pasta calcária é rosada quando mal cozida, torna-se branca quando bem cozida e esverdeada quando sobrecozida. Uma cozedura irregular ou o empilhamento das peças dentro do forno é suficiente para que as peças fiquem com as superfícies melhor cozidas que o interior da pasta e haja variações na coloração das mesmas. Note-se ainda que os grupos 9 e 10 também podem ter uma cor rosada e avermelhada, embora homogénea.

É importante ter em conta que, de uma maneira geral, as pastas calcárias, que por definição têm uma percentagem de óxido de cálcio superior a 7 ou 8%, não dão uma boa loiça de fogo (Picon e Olcese, 1994, p. 107). Tal como explicam M. Picon e G. Olcese, podem ir ao lume se forem cozidas

a uma temperatura inferior a 600 ou 700°, mas nesse caso são muito frágeis em relação aos choques mecânicos. Se forem cozidas a temperaturas da ordem dos 750-800°, correm sérios riscos de se desagregar por causa da instabilidade das partículas de calcite, e no caso de resistirem até aos 900° ficam com uma estrutura tão rígida que não resiste às oscilações de temperatura (aquecimento/arrefecimento) que o lume implica. Mas podem, neste caso, dar uma excelente loiça sem ser de fogo, ou seja, de mesa, de preparação dos alimentos e de armazenamento. No entanto, loiças de pasta calcária de qualidade reduzida eram também exportadas por razões estéticas, em particular pela sua cor clara, e socio-económicas (Picon e Olcese, 1994, p. 106-112).

É por causa da sua vocação não culinária que, nas regiões onde estão facilmente disponíveis, as cerâmicas calcárias têm tendência a cumprir as funções não-culinárias (mesa, preparação, armazenamento) enquanto a loiça culinária é feita nas pastas mais comuns, não-calcárias, tendência esta patente, por exemplo, na cerâmica comum de Balsa (Torre de Ares, Tavira) (Nolen, 1994, p. 135-139).

3. A questão da origem bética dos fabricos de pasta clara calcária

A atribuição destes fabricos de pasta clara à Bética baseia-se essencialmente na sua semelhança macroscópica com pastas de ânforas dessa província, apesar de a textura das pastas da cerâmica comum poder ser, por vezes, mais fina. Além disso, a presença de cerâmicas comuns deste tipo, à excepção do Algarve, é geralmente escassa e coincide com ânforas béticas, por vezes muito abundantes, como é, por exemplo, o caso nos níveis anteriores ao período flaviano de São Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 252).

Na verdade, apesar de se conhecerem já bastantes centros de produção na baía gaditana, não foi ainda possível determinar inequivocamente a origem deste tipo de cerâmicas. Só as cerâmicas consideradas béticas de Braga foram alvo de um pequeno estudo arqueométrico, no qual uma ânfora de características tipológicas béticas (Dressel 7-11) e três amostras de cerâmica comum foram analisadas quanto à sua caracterização química e mineralógica. Os resultados confirmaram a semelhança dessas quatro amostras e a sua diferenciação da cerâmica comum de Braga (Prudêncio, 2000, p. 701).

Carlos Fabião refere que estas cerâmicas de pasta clara e arenosa de provável origem andaluza começam a afluir ao território hoje português do Sudoeste peninsular em época republicana sob a forma quase exclusiva de almofarizes, tigelas e bilhas (a que chama jarros²), verificando-se uma presença crescente na sequência estratigráfica do século I a.C. do sector A-1 de Mesas do Castelhino (Fabião, 1998a, p. 307-308, 1998b, p. 412).

O estudo, em curso, de cerâmicas deste tipo do Castelo da Lousa (Mourão) e do Aljube (Porto) confirma a importância destes produtos no período tardo-republicano e augustano revelando ainda a importância dos potes a par dos almofarizes e bilhas.

Em época imperial, este tipo de cerâmica continua presente nos sítios romanos do Sul de Portugal, como é o caso de São Cucufate e outros sítios adiante referidos, e também em sítios do Norte, como Conimbriga (Alarcão, 1976, p. 71-74, 136-137) e Braga (Morais, 2000, 2004). Esta presença atesta-se especialmente nos níveis do Alto Império, o que conforta a ideia de que esta cerâmica de pasta clara acompanhava as ânforas béticas que afluíram ao nosso território com alguma intensidade durante esse período e foram depois gradualmente substituídas pelas ânforas lusitanas.

Tal como acima foi dito, no nosso território estes fabricos aparecem sempre em proporções minoritárias, e geralmente insignificantes, excepto no Algarve. Com efeito, na cerâmica comum da

cidade de *Balsa* (Torre de Ares, Tavira), os fabricos de pasta clara que se identificam com os grupos calcários de São Cucufate têm um peso de 27% (Nolen, 1994, p. 121). Jeannette Nolen inclui-os nas cerâmicas regionais mas pensa que serão de origem bética devido, em particular, à semelhança com as pastas de ânforas béticas, muito abundantes nesta cidade (Nolen, 1994, p. 121).

Na realidade, formações geológicas calcárias semelhantes às que terão fornecido as argilas típicas das pastas claras da Bética costeira existem igualmente no Algarve, mas a evidência arqueológica ainda não revelou qualquer sítio de produção algarvio que utilize este tipo de argila calcária. A hipótese de uma produção algarvia de ânforas, e em especial da ânfora “Almagro 50”/Keay XVI, em pasta clara (Peacock e Williams, 1986, p. 131; Diogo, 1987, p. 183-184; Fabião e Carvalho, 1990, p. 52) não foi ainda comprovada. É possível que essa ânfora seja bética (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 177; Mayet e Schmitt, 1997, p. 79), e põe-se a hipótese de a sua abundância no Sul de Portugal se explicar pelo facto de ser importada da Bética sem conteúdo, para envasar preparados piscícolas de fábricas de salga do Sul da Lusitânia (Mayet, 2000, p. 651-652; Fabião, 2000).

Por conseguinte, se é possível que o Algarve tenha produzido este tipo de cerâmica, é mais do que provável que a grande maioria da cerâmica de pasta clara que aparece um pouco por todo o território português seja de proveniência bética, comercializada com as ânforas béticas a partir da baía gaditana. Enquanto não é possível realizar análises químicas que comprovem inequivocamente a proveniência destas cerâmicas de centros de produção dessa região, o estudo da cerâmica comum de pasta clara do Castelo da Lousa (Mourão) e do Aljube (Porto), assim como uma análise mais alargada da cerâmica comum de pasta clara recolhida no território português (Pinto e Morais, no prelo), dá-nos a convicção de que esta cerâmica deve ser considerada bética, e leva-nos a abandonar a expressão “de provável proveniência bética” usada anteriormente (Pinto, 2004).

4. Caracterização morfológica e paralelos

Em São Cucufate, a cerâmica comum de pasta clara de origem bética está representada por 143 exemplares dos fabricos 9, 10 e 12 acima descritos. A maior parte são almofarizes, bilhas e tampas mas registam-se também exemplares de outros tipos de recipiente.

4.1. Almofarizes

Os almofarizes, representados por 37 exemplares de fabrico 9, são a categoria mais abundante que chegou a São Cucufate.

Destaca-se, em primeiro lugar, um conjunto de 21 exemplares classificados como forma IV-A-2 (n.ºs 1-6, Fig. 1 e n.ºs 80-94 no catálogo em anexo) com o bordo arredondado, a parede externa lisa e estrias apenas na parte superior da parede interna. Este almofariz tem vertedouro, por vezes um leve engobe alaranjado ou rosado, e o seu diâmetro varia entre os 28 e os 36 cm. Um exemplar completo desta forma encontrado em Aljustrel, não publicado mas anteriormente descrito (Pinto, 2003, p. 260), revela que o seu fundo é alteado mas pouco destacado, fundo este representado em São Cucufate por dois exemplares (n.º 7, Fig. 1 e n.º 120).

Em São Cucufate, a maioria dos exemplares datados desta forma provém dos horizontes 1 e 2, que abarcam um período desde meados do século I até ao segundo terço do século II (Pinto, 2003, p. 260-262).

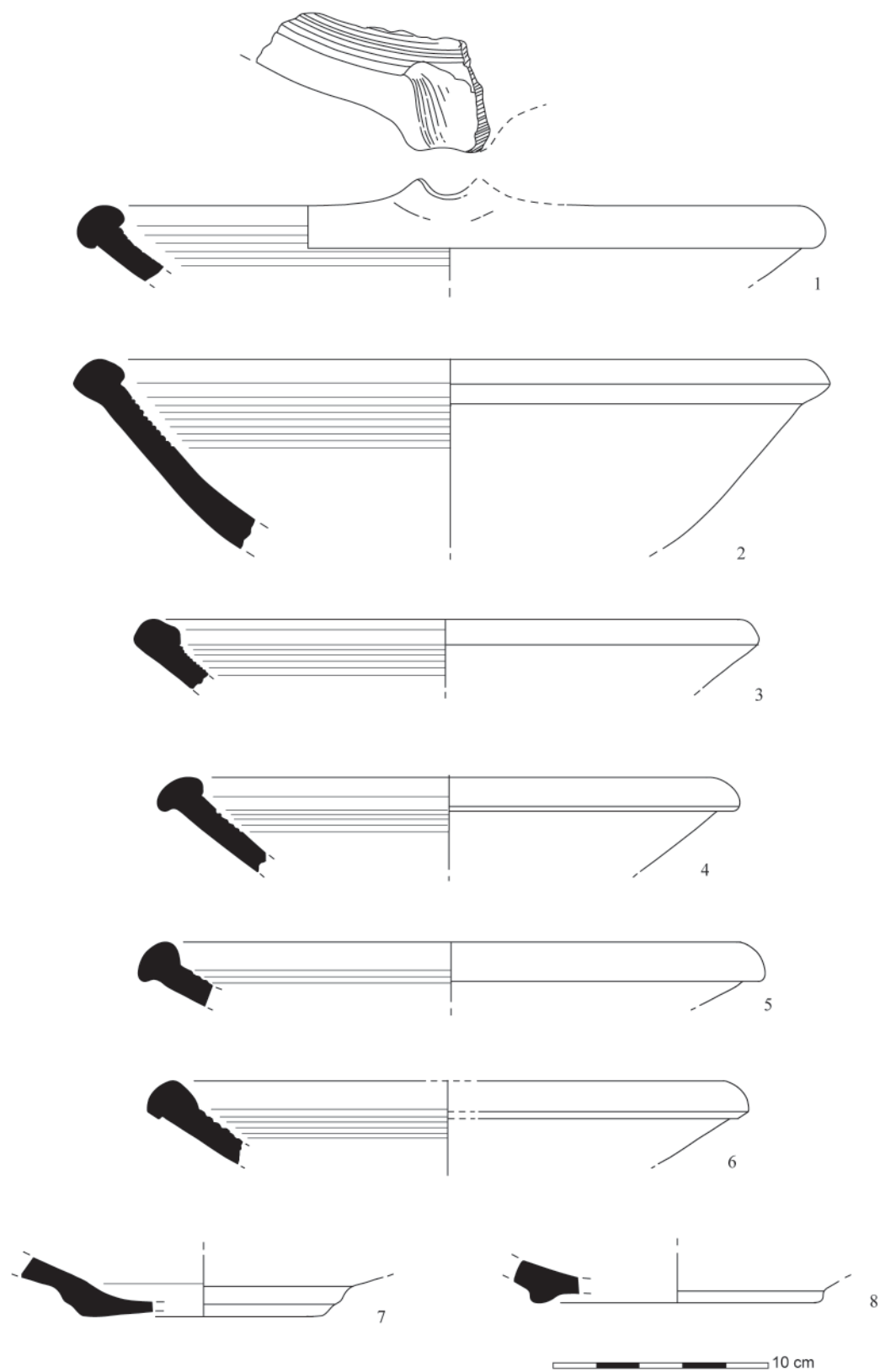


Fig. 1 Cerâmica comum bética de São Cucufate: almofarizes (n.ºs 1-6) e fundos de almofariz (n.ºs 7-8).

Esta forma é conhecida na Bética pois corresponde ao almofariz 14 de M. Vegas, proveniente de Munigua, datado do terceiro quartel do século I e “de barro harinoso ocre-amarillento” (Vegas, 1973, p. 31-34). Curiosamente, não aparece no repertório de formas de almofarizes béticos apresentado por E. Serrano Ramos (1995, p. 234) nem no conjunto mais numeroso de almofarizes do território de Málaga (Serrano Ramos, 2000). É melhor conhecida no território português pois está bem representada no material do Monte da Cegonha (Vidigueira) e das novas escavações de Pisões (Beja), em níveis do século I até princípios do século II (Pinto, 2003, p. 260-261). Aparece também na Ilha do Pessegueiro, num estrato da segunda metade do século I d.C. (Silva et al., 1984, p. 37-38, Fig. 22, n.º 26), em *Balsa* (Tavira) (Nolen, 1994, p. 149, est. 26, cr-14) e em Povos (Vila Franca de Xira), onde os cinco almofarizes estudados são todos desta forma, quatro deles de níveis do século I/II e um de contexto do Baixo-Império (Quaresma, 1995-1997, p. 31 e 39). Também em *Conimbriga* há pelo menos dois exemplares que se identificam com esta forma, um deles de um nível trajaniano (Alarcão, 1976, p. 72-73, 136, n.ºs 11-12).

O bordo arredondado, a parede externa lisa, o fundo plano e as estrias só na parte superior da parede interna distinguem este tipo de almofariz, geralmente datado da segunda metade do século I d.C. e primeira metade do II, do almofariz bético de parede com moldura externa, pé anelar e fundo coberto de estrias concêntricas, de cronologia mais antiga, tardo-republicana, augustana ou tiberiana. Exemplos destes são os almofarizes tardo-republicanos das Mesas do Castelhinho (Almodôvar) (Fabião, 1998b, p. 412, Fig. 110, n.ºs 1-2), do depósito augusto-tiberiano de Abul (Mayet e Silva, 2002, p. 46, Fig. 12, n.ºs 113-120), os de Braga que foram reunidos no grupo II, provenientes de estratos anteriores ao período flaviano (Morais, 2004, p. 568-569, Fig. 3-5), e os de Santarém das formas 3 e 4, datados de Augusto a finais do período de Tibério/inícios de Cláudio (Arruda e Viegas, 2004, p. 345-346), entre outros (vd. Fabião, 1998b, p. 417-418).

De acordo com E. Serrano Ramos, este tipo aparece na própria Bética, em Los Castellones, em níveis datados da época tiberio-claudiana, e noutros sítios como *Munigua*, *Lacipo*, *Italica* e *Sevilha* (1995, p. 231, 234, Fig. 4, cat. 27). Na síntese sobre Los Castellones feita posteriormente, E. Serrano Ramos acrescenta que este tipo aparece nos níveis ibero-romanos da estação e em muitos outros lugares andaluzes (Serrano Ramos, 2000, p. 111, 124, Fig. 27).

Outros 12 almofarizes de fabrico bético de São Cucufate (n.ºs 9-12, Fig. 2 e n.ºs 72-79), apesar de pequenas diferenças morfológicas, foram agrupados na forma IV-A-1, por terem características comuns tais como o bordo engrossado e reentrante e a parede externa sem moldura (Pinto, 2003, p. 259-260). Enquanto o bordo lembra o de exemplares augusto-tiberianos acima citados, a parede não é emoldurada e o exemplar reconstituído (n.º 12, Fig. 2) mostra um pé ainda anelar mas largo e baixo. Por conseguinte, esta forma parece ser intermédia entre esses mesmos almofarizes mais antigos e os da forma IV-A-2 anteriormente descrita. Note-se, no entanto, que o pé anelar mais estreito e um pouco mais alto existe em São Cucufate, embora representado por um único exemplar (n.º 8, Fig. 1), que poderá pertencer a esta forma ou à forma IV-C-1, adiante referida.

Quatro exemplares de São Cucufate desta forma provêm dos horizontes 1 e 2 (segunda metade do século I e primeiro terço do século II). Esta forma tem os seus melhores paralelos de fabrico bético nos almofarizes 16 e 17 das cerâmicas importadas de *Conimbriga* que provêm, respectivamente, de um nível trajaniano e de um nível flaviano (Alarcão, 1976, p. 72-73 e 136). Os almofarizes de Braga do grupo III também se identificam com esta forma mas não oferecem uma cronologia definida (Morais, 2004, p. 569). Também para os almofarizes desta forma E. Serrano Ramos não apresenta bons paralelos (Serrano Ramos, 1995, 2000).

Quatro almofarizes de bordo em aba amendoada e lábio introvertido, parede levemente arqueada e estrias internas, da forma IV-C-1, de fabrico bético (n.ºs 13-16, Fig. 2), têm afinidades com o almofariz itálico tipo I de Cap Dramont, exportado de meados do século I até meados do século II

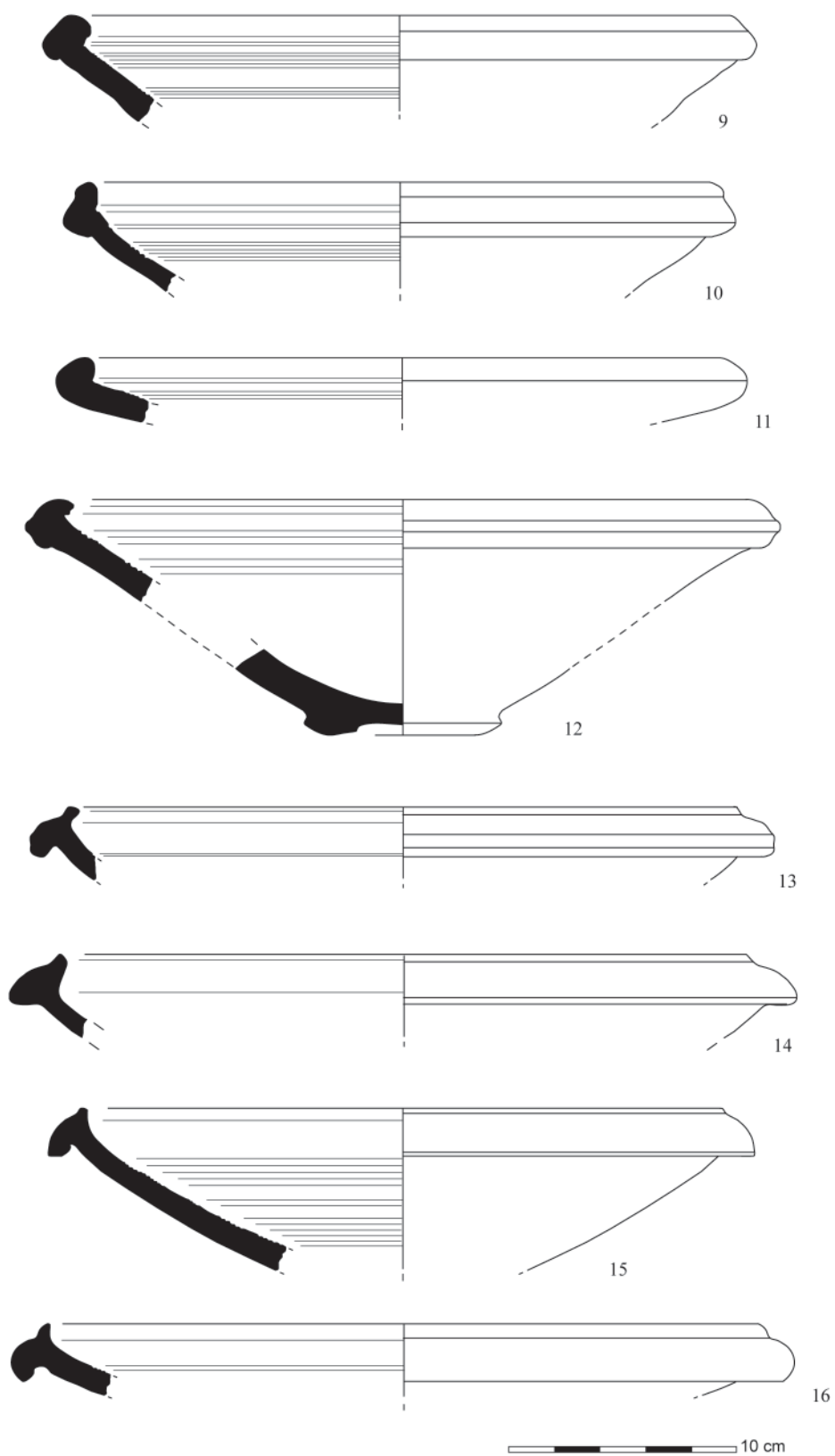


Fig. 2 Cerâmica comum bética de São Cucufate: almofarizes (n.ºs 9-16).

d.C. (Hartley, 1973, p. 54, 57). Também correspondem ao tipo 7 de Pasqualini, comum na Baixa Provença e datado de 110 a 190 d.C. (Pasqualini, 1996, p. 294-295). Vegas apresenta alguns almofarizes aparentados desta forma que mostram como ela está bem difundida e tem uma longa duração. São sobretudo os números 6, 8 e 12, de datações variadas desde a segunda metade do século II a.C. até ao século IV d.C. (Vegas, 1973, p. 30-34). Da própria Bética, há exemplares suficientemente parecidos e que pertencem sem dúvida à mesma forma (Serrano Ramos, 1995, p. 234, Fig. 4, n.ºs 30 e 32) que E. Serrano Ramos integra num tipo mais abrangente que se terá desenvolvido na segunda metade do século I d.C., e que inclui os almofarizes de bordo triangular (Serrano Ramos, 1995, p. 231, 234, Fig. 4, n.ºs 29, 31 e 33), forma muito comum em São Cucufate mas feita em pastas regionais (Pinto, 2003, p. 270-274). Outro paralelo bético é o almofariz 38 da *villa* de Manguarra y San José (Cártama) que não é anterior ao século III (Serrano Ramos, 2000, p. 133, 135, 144).

Em São Cucufate, o único exemplar bético da forma IV-C-1 que está datado provém do longo horizonte 3, que vai desde meados do século II até meados do século IV (Pinto, 2003, p. 266-268). No centro e sul de Portugal, o único paralelo nitidamente bético desta forma provém da cidade de *Balsa* (Tavira) (Nolen, 1994, p. 149, est. 26, cr-15), mas os almofarizes de Braga do Grupo I, dos quais quatro com a pasta típica de Cádiz, também se inscrevem neste tipo. A diferença é que, em vez de estrias, têm as paredes incrustadas com pequenas pedras (Morais, 2004, p. 568, Fig. 2).

4.2. Bilhas

As bilhas perfazem um total de 18 exemplares, são uma categoria bem representada nos fabricos 9, 10 e 12 (n.º 17-31, Fig. 3 e n.ºs 98-100) (Pinto, 2003, p. 427-447) e apresentam formas bastante variadas. Os exemplares n.ºs 17-19 (Fig. 3) têm a parte superior do colo bastante esvasada com o bordo espessado e uma canelura bem marcada na face externa e os n.ºs 20-23 (Fig. 3) têm o bordo triangular moldurado ou simples (n.º 21), um deles com o colo alto e quase cilíndrico (n.º 23). O n.º 24 (Fig. 3) tem um bordo triangular introvertido e o n.º 25 (Fig. 3) tem um bordo oblíquo espessado no exterior. Os n.ºs 26-29 (Fig. 3) têm um bordo vertical moldurado ou simples (n.º 28) e os n.ºs 30-31 (Fig. 3) têm colos altos muito levemente afunilados, quase cilíndricos, com o bordo arredondado (n.º 31) ou com uma gola externa (n.º 32).

A bilha n.º 24 (Fig. 3) tem um paralelo em *Conimbriga* (Alarcão, 1976, p. 73 e 137, est. XVIII, n.º 24) e a n.º 31 (Fig. 3) tem um paralelo na Quinta do Marim (Olhão), de um contexto da segunda metade do século III (Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992, p. 349, 369, Fig. 6), e não encontramos outros paralelos na cerâmica comum publicada do Sul de Portugal. Também na cerâmica comum do território de Málaga publicada por Serrano Ramos (2000), e portanto bética, não há nenhum bom paralelo para estas bilhas, mas poder-se-á aproximar o jarro 91 de Cádiz (Serrano Ramos, 1995, p. 242) da bilha n.º 32 (Fig. 3) de São Cucufate.

4.3. Potes

Nove exemplares de fabrico bético podem ser considerados potes (n.º 32-39, Fig. 3 e n.º 97). Dois deles são exemplares únicos da sua forma e foram classificados como formas raras (n.º 32-33, Fig. 3) (Pinto, 2003, p. 388), e quatro têm o bordo dobrado para o interior e colo pronunciado, por vezes com asas (n.ºs 34-36, Fig. 3 e n.º 97). Esta forma parece ter um bom paralelo na peça 26 de *Conimbriga*, muito fragmentada mas de fabrico semelhante (Alarcão, 1976, p. 72-73 e 137). Os outros

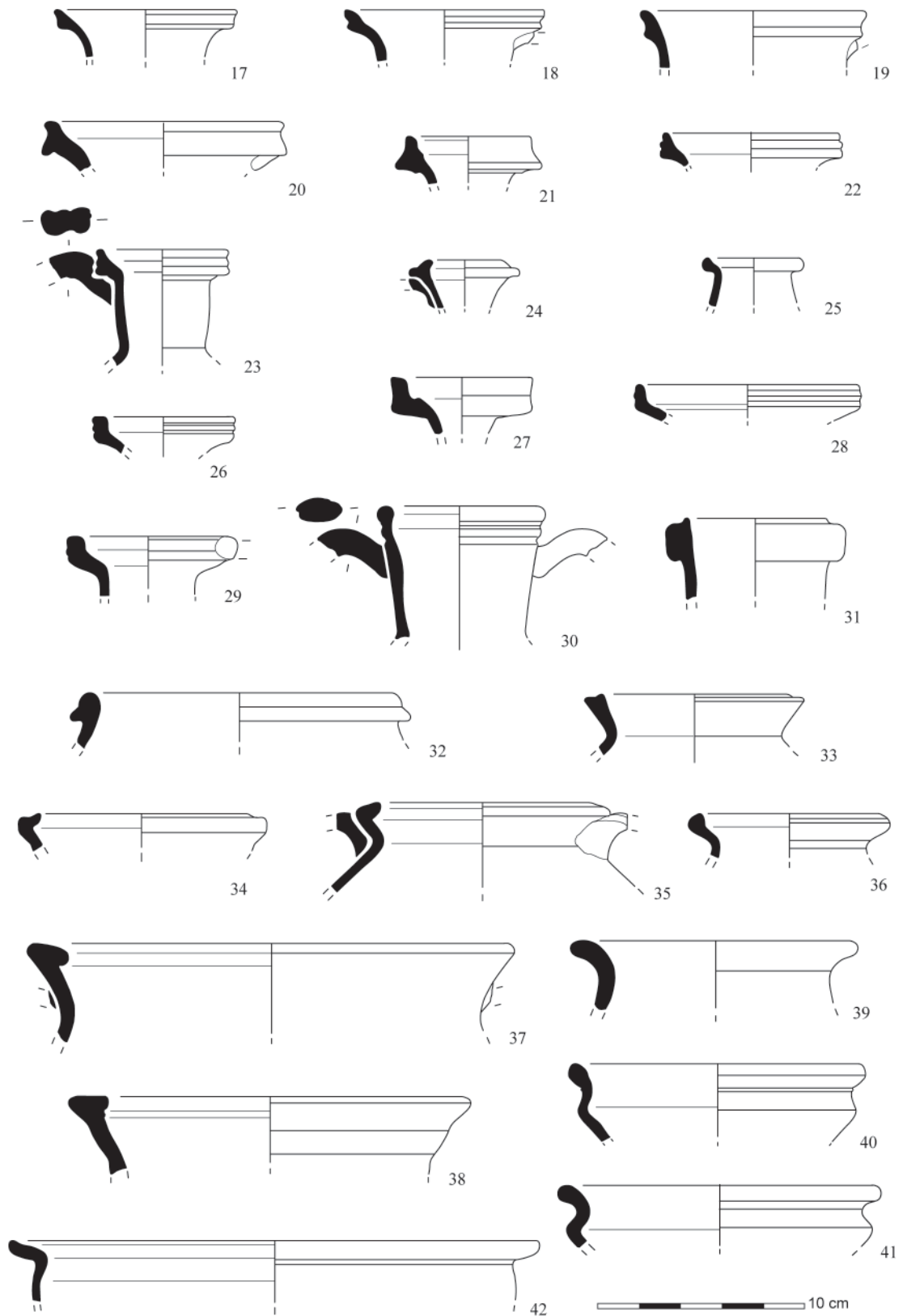


Fig. 3 Cerâmica comum bética de São Cucufate: bilhas (n.ºs 17-31), potes (n.ºs 32-39), tigelas (n.ºs 40-41) e terrina (n.º 42).

dois (n.ºs 37-38, Fig. 3), erradamente considerados uma variante da forma anterior (Pinto, 2003, p. 390), serão da mesma forma que os exemplares de Torre de Ares (Nolen, 1994, p. 135, est. 26, cr-3 e cr-4) de corpo globular, bocal largo, bordo alto e esvasado, lábio introvertido, duas asas e fundo anelar pouco destacado.

Outro exemplar de bordo arqueado e extrovertido (n.º 39, Fig. 3) foi anteriormente classificado como panela mas é mais provável que seja um pote não-culinário (Pinto, 2003, p. 372).

4.4. Outras formas

As tigelas n.ºs 40-41 (Fig. 3) são, em São Cucufate, de uma forma específica do fabrico 9 (III-C-fr6), e uma delas do horizonte 3 (de meados do século II até meados do IV).

Um único exemplar foi classificado como terrina, e a sua forma considerada rara (n.º 42, Fig. 3). Provém de um nível do século V e tem um bom paralelo nas *ollas de borde vuelto* de um forno baixo-imperial da *villa* romana del Puente Grande (Cádiz) e especialmente na n.º 17 (Bernal, 2002, p. 389, Fig. 271).

A peça n.º 43 (Fig. 4) foi anteriormente classificada como bilha mas deve ser um jarro de bordo engrossado e extrovertido, a par com dois outros jarros (n.ºs 44-45, Fig. 4) de bordo esvasado levemente espessado.

Dois peças de fabrico 12 e bastante fragmentadas foram consideradas potinhos (n.ºs 46 e 47, Fig. 4). A peça n.º 48, anteriormente classificada como tigela, será antes o bordo de um potinho semelhante a um de *Balsa* (Torre de Ares, Tavira) com o corpo piriforme, o fundo alto e estreito e duas asas (Nolen, 1994, p. 138, est. 28, cr-44).

4.5. Tampas

As tampas são uma categoria muito bem representada por 23 exemplares de fabrico gaditano, dos quais se ilustram oito (n.ºs 49-56, Fig. 4 e n.ºs 101-115). Dois exemplares representados pelo n.º 49 (Fig. 4) integram-se numa forma comum de parede recta e aberta e bordo simples ou levemente espessado (XIV-A-1) e o n.º 56 (Fig. 4), de bordo espessado e triangular, assentando num pequeno pé, é uma forma rara (XIV-A-fr2). Os restantes 20 exemplares, ilustrados pelos n.ºs 50-55 (Fig. 4) são tampas pequenas com o bordo triangular ou arredondado e com diâmetros entre os 7 e os 13 cm, e não é claro a que recipientes se destinariam. Parecem demasiado finas e bem feitas para serem tampas de ânfora, e podem-se comparar com as abundantes tampas de cerâmica comum dos níveis alto-imperiais da *villa* romana del Puente Grande, ainda que estas sejam maiores (Sánchez et al., 2002, p. 239, 241-243, Figs. 140-141).

4.6. Fundos

As restantes peças de fabrico bético são 43 fragmentos de fundos (n.ºs 57-71 (Fig. 4) e 116-143). Também os n.ºs 7 e 8 (Fig. 1), já mencionados, são fundos, mas de almofariz, e os n.ºs 57-70 (Fig. 4) parecem ser de formas fechadas, sem que seja possível determinar a categoria exacta a que pertencem. Só os fundos n.ºs 65-66 se restringirão a potinhos ou bilhas, e o n.º 71 pertencerá a uma tampa de maiores dimensões do que aquelas que são apresentadas.

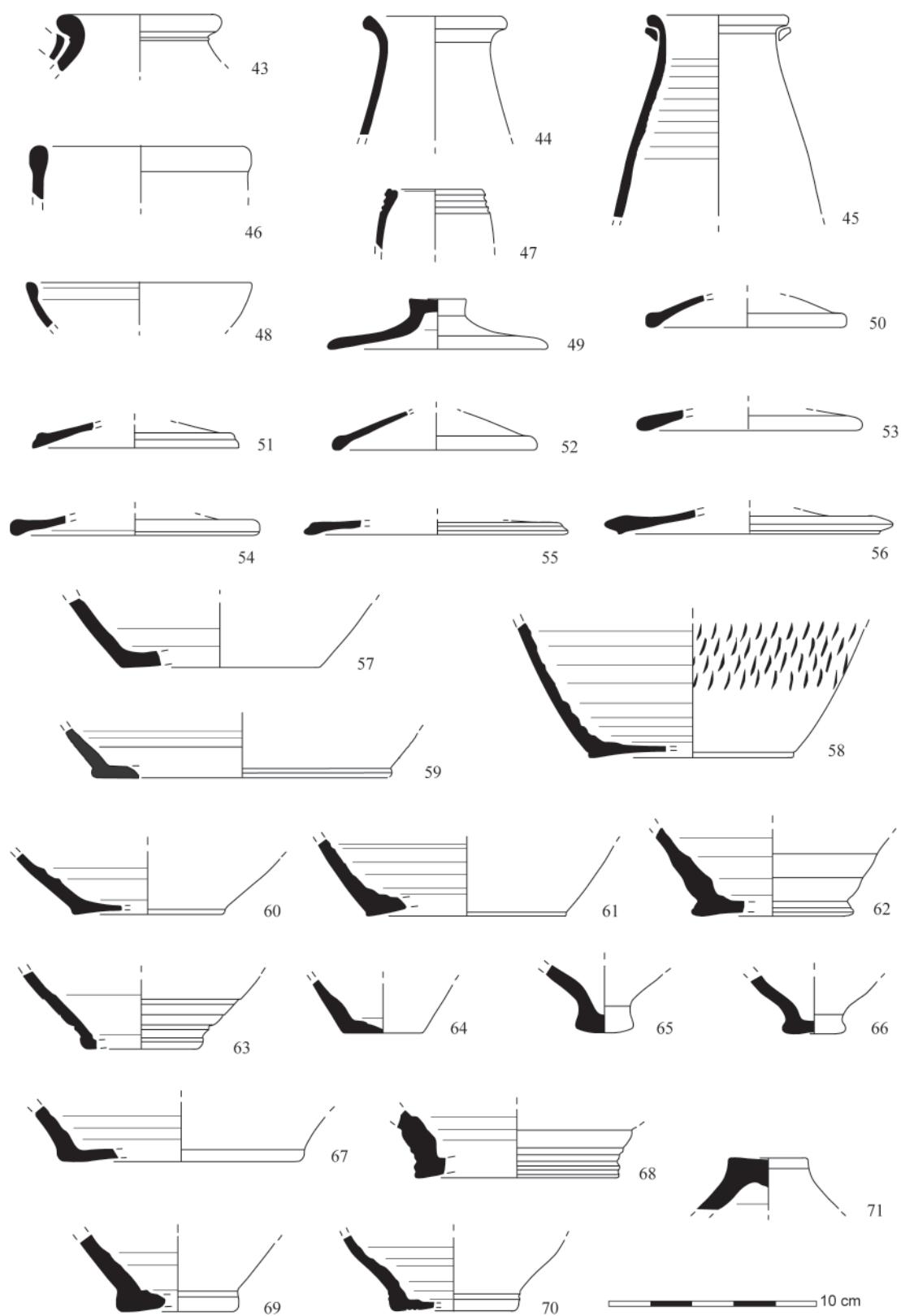


Fig. 4 Cerâmica comum bética de São Cucufate: jarros (n.ºs 43-45), potinhos (n.º 46-48), tampas (n.ºs 49-56) e fundos (n.ºs 57-71).

Dos 43 fragmentos mencionados, quatro exemplares não ilustrados (n.ºs 116-119) pertencem a formas abertas. O fundo n.º 58 é a única peça decorada a guilhoché de fabrico bético encontrada em São Cucufate, e além dos almofarizes da forma IV-A-2 já mencionados, só um fundo de tigela não ilustrado (n.º 119) tem restos de um engobe avermelhado.

5. O significado da cerâmica comum bética de São Cucufate

O estudo da proveniência da cerâmica comum de São Cucufate, feito a partir da caracterização mineralógica das pastas através de análises petrográficas e seu confronto com a geologia da região, revelou uma esmagadora maioria de produções regionais que atingirá os 89,6% do conjunto (Pinto, 2003, p. 579). A cerâmica de regiões próximas, que inclui as produções do Tejo e do Sado, significará 7% do total, a cerâmica de regiões distantes, isto é, além da Lusitânia, e na qual se incluem os fabricos béticos, representará 2,1%, e os restantes 1,3% são compostos por peças de fabrico incaracterístico (Pinto, 2003, p. 579-581). Desenha-se assim um perfil de produção e consumo explicável pela acentuada interioridade geográfica de São Cucufate, compensada por uma produção regional de cerâmica comum muito dinâmica.

No que respeita aos fabricos de proveniência bética, o grupo 9 tem um total de 102 indivíduos, incluindo bordos e fundos, que representa 0,8% da cerâmica comum de São Cucufate, o grupo 10, de textura mais fina, um total de 25 indivíduos que corresponde a 0,2% e o grupo 12 tem apenas 16 que não significam mais de 0,1% (Pinto, 2003, p. 580). Por conseguinte, esta cerâmica representa apenas 1,1% da cerâmica comum de São Cucufate, mas 55% da cerâmica vinda de fora da Lusitânia. Se a cerâmica branca caulínica típica do Pessegueiro, por ora considerada de uma região distante, se vier a revelar lusitana, o que é bem possível, então a cerâmica da Bética representará 84,6% da cerâmica comum importada, a par da cerâmica comum itálica e da cerâmica comum africana.

Do ponto de vista cronológico, estas cerâmicas ocorrem essencialmente nos horizontes do Alto Império, que começam com a ocupação do sítio em meados do século I, atingindo o expoente máximo no horizonte 2, que abarca o segundo terço do século II d.C. (Pinto, 2003, p. 550, 552). A maioria das cerâmicas recolhidas nos horizontes mais tardios poderá ser considerada residual, tendo em conta que as ânforas béticas que estas acompanhariam são raras no Baixo-Império (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 252), mas não se exclui que algumas possam ter sido importadas da Bética durante esse período.

Também as formas revelam uma certa especialização típica de importações, concentrando-se nos almofarizes, bilhas e tampas, registando-se além destes alguns potes e tigelas, uma terrina e alguns jarros e potinhos, por vezes tão fragmentados, que a sua classificação morfológica é feita com reservas.

Segundo Carlos Fabião, no período tardo-republicano verificava-se uma especialização ainda mais acentuada nas importações de origem bética, que se resumiam a almofarizes, tigelas e bilhas, podendo estes dois últimos recipientes constituir um “serviço” destinado ao consumo do vinho (Fabião, 1998b, p. 413). O estudo das cerâmicas do Castelo da Lousa (Mourão) e do Aljube (Porto) mostra ainda a importância dos potes no período augustano.

Em São Cucufate manteve-se a tradição de importar almofarizes e bilhas, visto que há poucos potes e muito poucas tigelas, e verifica-se a tendência a importar formas de loiça sem ser de fogo, mais adequadas às pastas calcárias.

6. Considerações finais

Os dados disponíveis, relativamente pouco abundantes, revelam que a identificação das pastas claras calcárias recolhidas no território português com as produções béticas de pasta clara é verosímil, e que estas cerâmicas afluíram ao espaço hoje português desde a época tardo-republicana, mantendo-se um fluxo muito significativo durante o Alto-Império.

O conjunto de cerâmica comum de São Cucufate oferece o perfil de consumo de uma *villa* romana do interior. O conjunto de cerâmica comum bética, composto por 143 peças, representa uma pequena proporção da cerâmica recolhida nessa estação, mas revela uma razoável variedade de formas que sugere um afluxo reduzido mas continuado, pelo menos durante o Alto-Império, acompanhando certamente as ânforas piscícolas béticas abundantes nesse período.

Tendo em conta que estas cerâmicas seriam uma carga complementar dos carregamentos de ânforas, será nos centros oleiros que as produziram que importará procurá-las. E um estudo arqueométrico desenvolvido, que confrontasse as realidades da produção e do consumo, seria um importantíssimo contributo para esclarecer a problemática da proveniência das cerâmicas calcárias encontradas no território português.

Anexo

Catálogo

A designação das formas (ex: IV-A-2) corresponde à tipologia estabelecida no estudo da cerâmica comum de São Cucufate (Pinto, 2003).

Os horizontes cronológicos têm a seguinte datação (Pinto, 2003, p. 143-150):

- horizonte 1: segunda metade do século I d.C. e primeiro terço do século II
- horizonte 2: segundo terço do século II
- horizonte 3: meados do século II até meados do século IV
- horizonte 4: meados do século IV
- horizonte 5: segunda metade do século IV até meados do século V
- horizonte 6: meados do século V

Exemplares ilustrados

- 1 - 83. 0232 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 36 cm, vertedouro e estrias, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 1).
- 2- 79. 0669 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 36 cm, estrias, fabrico 9 (Fig. 1).
- 3 - 82. 4212 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 30 cm, estrias, leve engobe 5YR 7/4 no exterior a desvanecer-se, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 1).
- 4 - 82. 4485 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 28 cm, estrias, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 1).
- 5 - 82. 6287 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 30 cm, fabrico 9, horiz. 2 (Fig. 1).
- 6 - 82. 6288 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. indet., estrias, fabrico 9, horiz. 2 (Fig. 1).
- 7 - 84. 2951, 2952, 2953 e 2954 - Fundo da forma F-6, dm. 10 cm, fabrico 9 (Fig. 1).
- 8 - 84. 6105 - Fundo da forma F-9, dm. 14 cm, fabrico 9 (Fig. 1).

- 9 - 84. 6825 - Almofoariz da forma IV-A-1, dm. 32 cm, fabrico 9 (Fig. 2).
- 10 - 84. 4073 - Almofoariz da forma IV-A-1, dm. 30 cm, fabrico 9 (Fig. 2).
- 11 - 84. 0178 - Almofoariz da forma IV-A-1, dm. 31 cm, fabrico 9 (Fig. 2).
- 12 - 81. 3188 - Almofoariz da forma IV-A-1, dm. 34 cm, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 2).
- 13 - 82. 0317 - Almofoariz da forma IV-C-1, dm. aprox. 30 cm, fabrico 9 (Fig. 2).
- 14 - 84. 4032 - Almofoariz da forma IV-C-1, dm. 35 cm, fabrico 9 (Fig. 2).
- 15 - 83. 5041 - Almofoariz da forma IV-C-1, dm. aprox. 29cm, fabrico 9 (Fig. 2).
- 16 - 83. 2307 - Almofoariz da forma IV-C-1, dm. 35 cm, estrias gastas, fabrico 9, horiz. 3 (Fig. 2).
- 17 - 84. 0541 - Bilha da forma XII-A-1, dm. 9 cm, fabrico 9 (Fig. 3).
- 18 - 82. 1345 - Bilha da forma XII-A-1, dm. 10 cm, arranque de asa, fabrico 9, horiz. (Fig. 3).
- 19 - 83. 5426 - Bilha da forma XII-A-1, dm. 11 cm, fabrico 9 (Fig. 3).
- 20 - 82. 1680 - Bilha da forma XII-A-fr 1, dm. aprox. 12 cm, arranque de asa, fabrico 9 (Fig. 3).
- 21 - 82. 3766 - Bilha da forma XII-A-fr 4, dm. 6 cm, fabrico 10 (Fig. 3).
- 22 - 82. 4299 - Bilha da forma XII-A fr 5, dm 9 cm, horiz. 1, fabrico 12 (Fig. 3).
- 23 - 84. 4069 - Bilha da forma XII-C-fr 1, dm. 6,5 cm, uma só asa com duas caneluras, fabrico 10 (Fig. 3).
- 24 - 83. 2592 - Bilha da forma XII-B-fr 3, dm. 5,5 cm, fabrico 10 horiz. 6 (Fig. 3).
- 25 - 81. 1197 - Bilha da forma XII-A-fr 11, dm. 5 cm, fabrico 9 (Fig. 3).
- 26 - 84. 1073 - Bilha da forma XII-C-1, dm. 7 cm, fabrico 10 (Fig. 3).
- 27 - 83. 5026 e 5027 - Bilha da forma XII-C-1, dm. 7 cm, fabrico 10 (Fig. 3).
- 28 - 84. 2142 - Bilha da forma XII-C-1, dm. 8 cm, fabrico 10 (Fig. 3).
- 29 - 83. 3862 - Bilha da forma XII-C-1, dm 8 cm, arranque de asa, fabrico 12 (Fig. 3).
- 30 - 84. 1779, 1789 e 1825 - Bilha da forma XII-C-fr 8, dm. 8 cm, fabrico 10 (Fig. 3).
- 31 - 83. 4575 - Bilha da forma XII-C-fr 16, dm. 9 cm, fabrico 9 (Fig. 3).
- 32 - 84. 1353 - Pote da forma IX-A-fr 7, dm 17 cm, fabrico 10 (Fig. 3).
- 33 - 84. 2747 - Pote da forma IX-A-fr 8, dm 11 cm, fabrico 10, horiz. 6 (Fig. 3).
- 34 - 82. 6478 - Pote da forma IX-B-1, dm. 12,5 cm, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 3).
- 35 - 83. 0752 - Pote da forma IX-B-1, dm. 12 cm, asa, fabrico 9, horiz. 4 (Fig. 3).
- 36 - 83. 4394 - Pote da forma IX-B-1, dm. 10 cm, fabrico 9 (Fig. 3).
- 37 - 83. 0401 - Pote da forma IX-B-1-a, dm. 24 cm, arranque de asa, fabrico 9, horiz. 4 (Fig. 3).
- 38 - 80. 1921 - Pote da forma IX-B-1-a, dm. 20 cm, fabrico 9, horiz. 3 (Fig. 3).
- 39 - 80. 1294 - Pote (classificado como panela da forma VIII-B-7-c, dm. 14 cm, fabrico 9, horiz. 4 (Fig. 3).
- 40 - 82. 6865 - Tigela da forma III-C-fr 6, dm. 15 cm, fabrico 9, horiz. 3 (Fig. 3).
- 41 - 81. 0586 - Tigela da forma III-C-fr 6, dm. 14 cm, fabrico 9 (Fig. 3).
- 42 - 83. 0620 - Terrina da forma VI-A-fr 4, dm. 26 cm, fabrico 9, horiz. 6 (Fig. 4).
- 43 - 82. 1897 - Bilha da forma XII-A-fr 17, dm. 10 cm, arranque de asa, fabrico 9 horiz. 4 (Fig. 3).
- 44 - 83. 3931 - Jarro da forma XI-A-fr 4, dm. 7 cm, fabrico 9 (Fig. 4).
- 45 - 84. 2927 e 2928 - Jarro da forma XI-A-fr 4, dm. 7 cm, arranque de asa (horizontal?), fabrico 9 (Fig. 4).
- 46 - 84. 3862 - Potinho da forma X-C-fr 5, dm 11 cm, fabrico 12 (Fig. 4).
- 47 - 80. 1410 - Potinho da forma X-C-fr 6, dm 5 cm, horiz. 4, fabrico 12 (Fig. 4).
- 48 - 83. 2306 - Potinho (classificado como tigela da forma III-A-1), dm. 9 cm, fabrico 9, horiz. 3 (Fig. 3).
- 49 - 81. 3186 - Tampa da forma XIV-A-1, dm. 10,6 cm, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 4).
- 50 - 83. 2593 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9, horiz. 6 (Fig. 4).

- 51 - 82. 6766 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9, horiz. 1 (Fig. 4).
- 52 - 80. 1920 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9, horiz. 3 (Fig. 4).
- 53 - 84. 0759 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 11 cm, fabrico 9, horiz. 6 (Fig. 4).
- 54 - 81. 1125 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 12 cm, fabrico 9, horiz. 2 (Fig. 4).
- 55 - 82. 4928 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 13 cm, fabrico 9, horiz. 2 (Fig. 4).
- 56 - 81. 1110 - Tampa da forma XIV-A-fr 2, dm. aprox. 14cm, fabrico 9, horiz. 4 (Fig. 4).
- 57 - 84. 1655 - Fundo da forma F-13, dm. 10 cm, fabrico 10 (Fig. 4).
- 58 - 81. 1111 - Fundo da forma F-14, dm 10 cm, arrancado a fio, fragmento de pança com guilhoché, fabrico 9, horiz. 2 (Fig. 4).
- 59 - 82. 5987 - Fundo da forma F-14, dm. 15 cm, fabrico 10, horiz. 3 (Fig. 4).
- 60 - 82. 5382 - Fundo da forma F14, dm 7,5 cm, restos de engobe externo 10R 8/3, horiz. 2, fabrico 12 (Fig. 4).
- 61 - 83. 0105 - Fundo da forma F-14, dm 10 cm, fabrico 9, horiz. 2 (Fig. 4).
- 62 - 83. 1819 - Fundo da forma F-15, dm 8 cm, fabrico 9 (Fig. 4).
- 63 - 83. 1197 - Fundo da forma F17, dm. 6 cm, horiz. 1, fabrico 12 (Fig. 4).
- 64 - 82. 3704 - Fundo da forma F-18, dm 4 cm, fabrico 9 (Fig. 4).
- 65 - 84. 0384 - Fundo da forma F-19, dm 3 cm, completo, fabrico 9 (Fig. 4).
- 66 - 84. 3374 - Fundo da forma F-19, dm 2,8 cm, fabrico 9, horiz. 4 (Fig. 4).
- 67 - 82. 2454 e 2455 - Fundo da forma F21, dm. 12 cm, horiz. 1, fabrico 12 (Fig. 4).
- 68 - 82. 1154 - Fundo da forma F-22, dm 10 cm, fabrico 9, horiz. 4 (Fig. 4).
- 69 - 84. 1038 - Fundo da forma F-22, dm 6 cm, fabrico 9 (Fig. 4).
- 70 - 82. 5954 - Fundo da forma F22, dm 6 cm, fabrico 12 (Fig. 4).
- 71 - 83. 3932 - Fundo da forma F-26, dm 4 cm, arrancado a fio, fabrico 9 (Fig. 4).

Exemplares não ilustrados

- 72 - 81. 2821 - Almofariz da forma IV-A-1 dm. indet., estrias, fabrico 9.
- 73 - 82. 0690 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. 36 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 74 - 82. 2318 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. indet., fabrico 9.
- 75 - 83. 0778 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. 20 cm, fabrico 9.
- 76 - 83. 0779 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. indet., fabrico 9.
- 77 - 83. 0817 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. 32 cm, estrias, fabrico 9, horiz. 4.
- 78 - 83. 0900 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. 29 cm, estrias, fabrico 9, fabrico 9.
- 79 - 84. 5884 - Almofariz da forma IV-A-1, dm. 32 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 80 - 80. 1838 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 28 cm, fabrico 9.
- 81 - 80. 2263 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 30 cm, fabrico 9, horiz. 4.
- 82 - 82. 0689 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 30 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 83 - 82. 4211 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 36 cm, fabrico 9, horiz. 1.
- 84 - 82. 4418 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 32 cm, leve engobe 5YR 6/6 a desvanecer-se, fabrico 9.
- 85 - 82. 4933 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 28 cm, estrias, manchas pretas, fabrico 9, horiz. 2.
- 86 - 83. 0902 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. indet, fabrico 9, horiz. 6.
- 87 - 83. 1306 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. indet., estrias, fabrico 9, horiz. 1.
- 88 - 83. 4943 e 4944 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 36 cm, restos de engobe 5YR 5/6, fabrico 9, horiz. 4.

- 89 - 84. 1076 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 29 cm, fabrico 9.
- 90 - 84. 1699 e 1700 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 30 cm, manchas pretas, fabrico 9.
- 91 - 84. 1768 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 32 cm, estrias, fabrico 9.
- 92 - 84. 2163 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. 32 cm, estrias, levíssimo engobe próximo de 5YR 7/6 muito desvanecido, fabrico 9.
- 93 - 84. 3298 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. indet., fabrico 9.
- 94 - 84. 4337 - Almofariz da forma IV-A-2, dm. aprox. 34 cm, princípio de vertedouro, restos de engobe 5YR 6/6, fabrico 9, horiz. 3.
- 95 - 83. 3092 - Prato da forma I-A-3, dm aprox. 26 cm, fabrico 12.
- 96 - 82. 4454 - Tacho da forma VII-A-1, dm. indet., fabrico 9.
- 97 - 82. 5943 - Pote da forma IX-B-1, dm. 13 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 98 - 81. 0038 - Bilha da forma XII-A-1, dm. 5 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 99 - 82. 4011 - Bilha da forma XII-C-1, dm 6 cm, arranque de asa, fabrico 12.
- 100 - 82. 6997 - Bilha da forma XII-C-4, dm. 5 cm, fabrico 10.
- 101 - 81. 2688 - Tampa da forma XIV-A-1, dm. 12 cm, fabrico 9, horiz. 5.
- 102 - 80. 0195 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9.
- 103 - 81. 2001 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 7 cm, fabrico 9.
- 104 - 82. 4929 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 11 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 105 - 82. 6291 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 12 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 106 - 83. 0398 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 11 cm, fabrico 9, horiz. 4.
- 107 - 83. 0435 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9.
- 108 - 83. 0484 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9, horiz. 1.
- 109 - 83. 0704 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 12 cm, fabrico 9, horiz. 1.
- 110 - 83. 1070 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9.
- 111 - 83. 2589 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 12 cm, fabrico 9, horiz. 4.
- 112 - 83. 3039 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 11 cm, fabrico 9.
- 113 - 83. 4090 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 10 cm, fabrico 9, horiz. 5.
- 114 - 84. 3692 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 11 cm, fabrico 9, horiz. 4.
- 115 - 84. 4489 - Tampa da forma XIV-A-3-a, dm. 12 cm, fabrico 9.
- 116 - 81. 0292 - Fundo da forma F1, dm 9 cm, fabrico 12.
- 117 - 83. 1069 - Fundo da forma F-3, dm. 14 cm, fabrico 9.
- 118 - 84. 4268 - Fundo da forma F-3, dm. 7 cm, fabrico 10.
- 119 - 86. 0600 - Fundo da forma F-3, dm. 7cm, engobe 2. 5YR 5/6 desvanecido, fabrico 10.
- 120 - 83. 4433 - Fundo da forma F-6, dm. 10 cm, sem estrias, fabrico 9.
- 121 - 81. 3779 - Fundo da forma F-11, dm. 12 cm, fabrico 10, horiz. 4.
- 122 - 82. 4926 - Fundo da forma F-13, dm 5 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 123 - 82. 5960 - Fundo da forma F-13, dm 11 cm, fabrico 9, horiz. 2.
- 124 - 81. 0191 - Fundo da forma F-13, dm. 7,5 cm, fabrico 10.
- 125 - 84. 3891 - Fundo da forma F-15, dm 9 cm, fabrico 9.
- 126 - 84. 5475 - Fundo da forma F-15, dm 6 cm, fabrico 9, horiz. 6.
- 127 - 82. 5942 - Fundo da forma F-15, dm. 6 cm, fabrico 10, horiz. 2.
- 128 - 82. 6094 - Fundo da forma F-15, dm. 6 cm, fabrico 10.
- 129 - 83. 2342 - Fundo da forma F-15, dm. 11 cm, fabrico 10.
- 130 - 84. 4072 - Fundo da forma F-15, dm. aprox. 9 cm, fabrico 10.
- 131 - 83. 0370 - Fundo da forma F-16, dm. 9,5 cm, fabrico 10.
- 132 - 82. 1026 - Fundo da forma F-17, dm. 7 cm, fabrico 10.

- 133 - 82. 3975 - Fundo da forma F17, dm. 8 cm, horiz. 1, fabrico 12.
- 134 - 82. 4369 - Fundo da forma F17, dm. 5 cm, horiz. 1, fabrico 12.
- 135 - 82. 4815 - Fundo da forma F17, dm. 10 cm, horiz. 1, fabrico 12.
- 136 - 82. 4819 - Fundo da forma F17, dm. indet., horiz. 1, fabrico 12.
- 137 - 82. 5139 - Fundo da forma F-17, dm. 11 cm, fabrico 10, horiz. 4.
- 138 - 82. 6301 - Fundo da forma F17, dm. 10 cm, horiz. 2, fabrico 12.
- 139 - 82. 6093 - Fundo da forma F-19, dm 4 cm, fabrico 9.
- 140 - 83. 3527 - Fundo da forma F-19, dm 3,5 cm, arrancado a fio, fabrico 9.
- 141 - 84. 4841 - Fundo da forma F-19, dm 5 cm, fabrico 9.
- 142 - 82. 5580 - Fundo da forma F-19, dm. 10 cm, fabrico 10, horiz. 4.
- 143 - 82. 6153 - Fundo da forma F-22, dm. 8 cm, fabrico 10, horiz. 2.

NOTAS

* Universidade Lusíada, Lisboa.

¹ Um agradecimento muito especial à Anne Schmitt (CNRS - UMR 5184, Archéologie et Archéométrie) por ter feito o estudo petrográfico da cerâmica comum de São Cucufate e ter posto em evidência os fabricos calcários de proveniência bética de que este artigo trata.

² A designação de jarro concorda com a função de servir líquidos destes recipientes, mas na nossa classificação os recipientes de colo estreito são considerados bilhas (Pinto, 2003, p. 81-82, 85).

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1976) - Céramiques communes d'importation. In ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, J., eds. - *Fouilles de Conimbriga* Vol. VI: *céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard, p. 71-74 e 136-137.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2004) - Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In *Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule: actes du Congrès de Vallauris, 20-23 mai 2004*. Marseille: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 341-349.
- BERNAL, D. (2002) - El horno cerámico de época bajoimperial: estructura, problemática y producciones cerámicas. In BERNAL, D.; LORENZO, L., eds. - *Excavaciones arqueológicas en la villa romana del Puente Grande (Los Altos del Ringo Rango, Los Barrios, Cádiz)*. Cádiz: Universidad, p. 369-395.
- DIOGO, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 179-191.
- FABIÃO, C. (1998a) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português. Vol. I*. Lisboa: Universidade (tese policopiada).
- FABIÃO, C. (1998b) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português. Vol. II*. Lisboa: Universidade (tese policopiada).
- FABIÃO, C. (2000) - O Sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade? In *Congreso Internacional Ex Baeticae Amphorae: conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano, Actas, vol. II*. Écija: Gráficas Sol, p. 717-730.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga, p. 37-63.
- HARTLEY, K. F. (1973) - La diffusion des mortiers, tuiles et autres produits en provenance des fabriques italiennes. *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*. Fréjus. 2, p. 49-60.
- MAYET, F. (2000) - Amphores de Bétique en Lusitanie. In *Congreso Internacional Ex Baeticae Amphorae: conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano, Actas, vol. II*. Écija: Gráficas Sol, p. 647-654.
- MAYET, F.; SCHMITT, A. (1997) - Les amphores de São Cucufate. In ÉTIENNE, R.; MAYET, F., eds. - *Itinéraires Lusitaniens: trente années de collaboration archéologique luso-française*. Paris: De Boccard, p. 71-109.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. da (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal): prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MORAIS, R. (2000) - Poster. In *Congreso Internacional Ex Baeticae Amphorae: conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano, Actas, vol. II*. Écija: Gráficas Sol, p. 697-701.

- MORAIS, R. (2004) - Os alfarizes béticos em *Bracara Augusta*. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana*. Vol. II. Oxford: Archaeopress (BAR Internacional Series; 1266), p. 567-570.
- MUNSELL = *Munsell soil color charts (revised ed.)*. New York: Macbeth Division of Kollmorgen Instruments Corporation, 1994.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - *Cerâmica e vidros de Torre de Ares, Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia.
- PASQUALINI, M. (1996) - Vaisselle commune de table et de cuisine en basse Provence au II^e siècle de notre ère. In BATS, M., ed. - *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonnaise (I^{er} s. av. J.-C. - II^e s. ap. J.-C.: la vaisselle de cuisine et de table*. Napoli: Centre Jean Bérard, p. 289-297.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide*. London-New York: Longman.
- PICON, M.; OLCESE, G. (1994) - Per una classificazione in laboratorio delle ceramiche comuni. In OLCESE, G., ed. - *Ceramica romana e archeometria: lo stato degli studi: atti delle Giornate Internazionali di studio, Castello di Montegufoni (Firenze), 26-27 aprile 1993*. Firenze: All'Insegna del Giglio, p. 105-114.
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- PINTO, I. V. (2004) - Cerâmica comum de provável origem bética das villae romanas de São Cucufate. *Lusíada. Arqueologia, História da Arte e Património*. Lisboa. 2/4, p. 9-29.
- PINTO, I. V.; MORAIS, R. (no prelo) - Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In *Congresso Internacional Cetariae 2005*. Cádiz.
- PRUDÊNCIO, M. I. (2000) - Anexo técnico. Caracterização química e mineralógica de cerâmica comum fina e de uma ânfora recolhidas em Braga. In *Congresso Internacional Ex Baeticae Amphorae: conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano, Actas. Vol. II*. Écija: Gráficas Sol, p. 701.
- QUARESMA, J. C. (1995-1997) - Os alfarizes romanos de Povos (Vila Franca de Xira) no contexto do território actualmente português. *Cira. Vila Franca de Xira*. 7, p. 25-45.
- SÁNCHEZ, S.; TORRECILLA, A.; OCHOA, A.; GÓMEZ, E. (2002) - Las cerámicas comunes altoimperiales. In BERNAL, D.; LORENZO, L., eds. - *Excavaciones arqueológicas en la villa romana del Puente Grande (Los Altos del Ringo Rango, Los Barrios, Cádiz)*. Cádiz: Universidad, p. 217-254.
- SERRANO RAMOS, E. (1995) - Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética. In ROCA, M.; AQUILUÉ, X., eds. - *Cerâmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; 8), p. 227-249.
- SERRANO RAMOS, E. (2000) - *Cerámica común romana: siglos II a.C. al VII d.C.: materiales importados y de producción local en el territorio malacitano*. Málaga: Universidad.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1984) - Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2^a campanha (1981). *Arquivo de Beja*. Beja. 2.^a Série. 1, p. 11-45.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 335-374.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*. Barcelona: Universidad.